

EDITORIAL

Produtividade em Pesquisa e *Classica*

Classica hoje apresenta-se parcialmente renovada. A partir deste número, a Revista contará com novo editor e uma nova política de produção editorial. Entretanto nossa revista é ainda devedora da acuidade e da atenção de Edvanda Bonavina da Rosa, João Batista Toledo Prado e Wilson Alves Ribeiro Jr., aqueles editores, este, co-editor do periódico nos últimos anos. Nosso agradecimento é essencial, já que a atividade de editoria de uma revista científica de renome, indexada e importante, como **Classica**, não significa apenas coletar artigos das diversas áreas que compõe o escopo interdisciplinar do veículo. Vai além: ler e reler as contribuições; observar com cuidado o perfil de cada consultor; distribuir os artigos a seus pareceristas adequados e recolhê-los; encaminhar os pedidos de modificação, de aceite e de recusa; operar o sigilo da arbitragem; zelar pelo processo de preparação dos textos (revisão, normalização e diagramação); fazer o acompanhamento de gráfica e, alfim, distribuir o “produto” aos sócios, aos autores e às bibliotecas.

Esse trabalho voluntário se, de um lado, é estressante, de outro, traz imensa satisfação porquanto, de forma material, vê-se nele nossa contribuição ao desenvolvimento da pesquisa e, no nosso caso, reconhecemos nossos trabalhos publicados no concerto de países centrais para os Estudos Clássicos. Há, contudo, aí um porém: a pesquisa no Brasil hoje e no lugar em que ela se realiza de forma privilegiada, a Universidade, depende de exigências que se tornam cada vez mais graves e inconciliáveis com a saúde de seus agentes e com a boa reflexão científica; nossa prática docente – muita vez, ponto de partida de nossas reflexões – há anos já não bastava a esses índices e critérios alienígenas que visam a reger nossa produção, e, hoje – assombroso! – quase nada significam! Nossas pesquisas e seus resultados são quase inexpressivos diante do império do quantitativo, que conduz inexorável à sanha de uma permanente auto-insatisfação, que leva a perguntar, por exemplo, “quantos *papers* publiquei neste ano?”. A fúria produtivista a que somos submetidos diuturnamente e que, sem nos darmos conta, assumimos como padrão, como regra, como vida, enfim, impõe-se sistematicamente e à revelia do que e de como somos, bem como do que sabemos ser mais adequado aos melhores parâmetros de qualidade científica.

Assim, a discussão científica entre pares míngua, estagna e apodrece, dada a malsinada deliberação de validar resultados de pesquisa de forma tão somente numérica. Dada a recente devoção à deusa **Publicação** e a seu

arauto, o *curriculum vitae*, promovida por órgãos governamentais de fomento à atividade de pesquisa de alto nível em nosso país, temos sido involuntariamente levados a atentar mais ao que pode significar quantitativamente o item publicado do que à própria pesquisa realizada.

A função de um periódico como **Classica** vai muito além de ser esse veículo que atende à demanda de mercado, de natureza essencialmente produtivista e que seguramente assola também a todos os países de sólida tradição no campo dos Estudos Clássicos. Tal tipo de demanda é mais recente no Brasil, praticamente um neófito entre os ditos “emergentes”, seja no campo econômico seja no da pesquisa de excelência em humanidades. Por ser a primeira publicação de seu gênero a granjear respeito nacional e internacional, **Classica** deve fazer seus leitores e colaboradores enxergarem que, além da mera publicação, da simples linha de componente curricular, a natureza do periódico é refletir um pensamento plural, não só entre nós, brasileiros, como também entre colegas do exterior, a fim de produzir diálogo concreto entre as pesquisas, as indagações e os questionamentos e, como corolário, constituir um diferencial no âmbito da produção de excelência.

Essa, sim, é nossa pedra de toque: a excelência. Esse é o nosso critério de publicação. É esse conceito que permeia todos os nossos pareceres e, portanto, é comungado por nosso quadro de assessores *ad hoc*, bem como por nosso Conselho Editorial e de Consultores Internacionais. Partindo, portanto, da premissa da excelência, não é raro que assumamos riscos editoriais. O principal deles: o atraso. A equação é simples, a arbitragem bem realizada demora – **Classica** trabalha com o parecer *duplo cego* – e ela nem sempre é favorável à publicação. Mais comum é o retorno do texto ao autor para que o refaça, o corrija, o reorganize, para, aí sim, retornar aos pareceristas e ser novamente arbitrado, o que, não raro, leva o processo todo a recomençar.

Apesar desses sistêmicos atrasos, a nova editoria, que ora apresenta seu primeiro trabalho, tem como desafio resolver a equação “excelência *versus* periodicidade”. Tanto isso é desejado que, a partir deste número 21.1 (2008), propõe-se simultaneamente a publicação dos números 21.2 (2008) e 22.1 (2009), isto é, a recuperação parcial da desejada periodicidade. Vale dizer, outrossim, que esta editoria não foi responsável pelo processo de arbitragem dos artigos desses números, somente ocupou-se da preparação e produção das revistas (21.1, 21.2, 22.1).

Quanto a seu conteúdo, a leitura seguramente comprovará a eficiência do trabalho responsável de pesquisa. Boa leitura.

PAULO MARTINS
Universidade de São Paulo
Editor e Presidente do Conselho Editorial

JOÃO BATISTA DE TOLEDO PRADO
Universidade Estadual Paulista
Co-Editor